

Cenografia, Caminhos e Decisões

POR FÁBIO JERÔNIMO¹

Falar sobre cenografia é uma tarefa deliciosa e ao, mesmo tempo, difícil. Escrever sobre o início histórico da cenografia talvez não faça muito sentido, uma breve pesquisa no *Google* e teremos todas as informações. Sendo assim, resolvi escrever sobre as minhas impressões e experiências do fazer teatral, o que penso sobre o fazer cenográfico.

Comecei a trabalhar no Teatro Escola Macunaíma em junho de 2006 e, logo na minha primeira mostra, um desafio surgiu pela inexperiência dos alunos. O cenário consistia em uma cortina branca ao fundo, que deveria abrir entre os atos, com algumas pernas também brancas formando uma moldura no palco. Tudo muito simples se não fosse o fato de eles trazerem apenas um rolo de tecido, nada de cortina e, para piorar, tudo com quatro horas de atraso. No final do dia, a cortina estava formando “arcos” ao fundo, com as pernas laterais brancas formando um desenho diferente do pensado inicialmente, tudo isso graças não à “genialidade” de um cenógrafo, e, sim às referências adquirida pela prática e estudo constante que a função pede.

Quanto mais amplas forem suas referências, mais rápidas e precisas serão suas soluções, seja na cenografia ou em qualquer outra função do fazer artístico. Da mesma forma que o ator precisa de ensaio para apresentar seu trabalho, o cenário necessita de tempo para o planejamento, estudo e confecção. Um simples quadro no palco pode mudar toda a intenção da cenografia. Cada objeto, a textura, a cor, o material contam no processo final. A ausência do cenário é uma cenografia quando pensada dessa forma. É importante fazer inúmeros questionamentos para se chegar ao cenário final.

1. Autodidata, cenógrafo, cenotécnico na Vaca Profana Companhia de Teatro desde 1999 e na Companhia do Ator Careca desde 2002. É Diretor de Palco do Teatro Escola Macunaíma desde 2006. Entre os últimos trabalhos estão: *Hysterica Passio*, de Angélica Liddel, direção de Reginaldo Nascimento; *Desilusão das Dez Horas*, de Alberto Guiraldell, direção de André Garolli; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, adaptação da Das Duas Cia. de Teatro do romance homônimo de Machado de Assis; *Street Art – Um Panorama Urbano*, exposição com curadoria de Leonor Viegas, realização Caixa Cultural – SP.



Essa Moça Ligando Para Tom Waits Ainda Acordado em Istambul, texto de Alberto Guiraldelli e direção de Einat Falbel. Cenografia de Fábio Jerônimo.



Desilusão das Dez Horas, texto de Alberto Guiraldelli e direção de André Garolli. Cenografia de Fábio Jerônimo.



FERNANDA PROCÓPIO



CECÍLIA CASSIANO

Cenário de Fábio Jerônimo para peça do Curso Infantil do Teatro Escola Macunaíma.

Faça o exercício de imaginar um cenário todo em metal. Qual o sentimento a que o metal te remete? Ele é polido? Fosco? Oxidado? O mesmo material pode remeter a diversos sentimentos. O tecido, com sua leveza, nos remete a outros lugares e sentimentos. Mas todo tecido é leve? A madeira nem sempre será aconchegante, o metal pode não ser frio e o tecido nem sempre terá leveza, cada material pode ser tratado de maneira diferente, transformando um tecido em ferro derretido. Observe uma escultura da artista plástica Tomie Ohtake e veja como ela tira leveza do concreto estrutural e como isso interfere na sua percepção do mundo.

Um carro não precisa ser de metal para ser um carro, ele não precisa ser sólido, ele precisa apenas transmitir a ideia ao espectador de que é um carro. Esse é um jogo que praticamos na infância: pegamos uma tampa de panela e transformamos em um carro ou um foguete. Esse jogo continua vivo quando se opta por viver a arte, transformar o faz de conta em realidade, pegar um punhado de tecido e tecer uma floresta. Esse é um exercício constante, observar o mundo e se apropriar de tudo e dar nova função a um objeto. É função do cenógrafo levar o espectador a um local onde ele não está.

Pergunte: O que queremos dizer? Em que época estamos? Qual linguagem usaremos? Que sentimento deve transparecer nas cores e texturas? Por que essa cadeira ou um quadro são importantes para o espetáculo?

Uma cadeira posicionada no centro do palco vai gerar no espectador alguns questionamentos. Essa cadeira deixa de ser um objeto e passa a ser uma personagem, dando um valor dramático maior à cena. Em *Essa Moça Ligando Para Tom Waits Ainda Acordado em Istambul*, de Alberto Guiraldelli, com direção de Einat Falbel, uma cabine telefônica é essa personagem, um elo fundamental para o desfecho da história e, a partir dela, o espectador construirá um foco no que é realmente importante.

Já sobrecarregar o espaço de informações dispersa a atenção do espectador: **o palco não precisa de decoração.** Toda vez que tiver vontade de colocar uma mesinha e um telefone em um escritório, se pergunte: Em que momento esse telefone vai tocar? Se não souber dizer, não o utilize, ele não precisa estar ali.

Tenha sempre claro que, na cenografia, tudo conta, cada detalhe é importante. A cor do cenário poderá te levar a um passado distante, uma cortina transparente pode passar a ideia de sonho, o cheiro de café sendo torrado pode levar o espectador a uma fazenda antes mesmo das cortinas se abrirem.

Uma vez definido o que você quer dizer com o cenário, é preciso discutir com as outras peças desse quebra-cabeça. Alguns pontos abordados poderão ser abandonados ou sofrerão mudanças por entrarem em conflito com o pensamento da direção sobre o espetáculo. O que fazer nessa hora? Bater o pé e dizer "Minha concepção é essa e vai ficar assim!" ou parar, refletir e rediscutir as alternativas? É preciso afinar as ideias com o figurinista, o iluminador, o cenário precisa de diálogo constante, cores e texturas interferem diretamente no trabalho de todos. Jogar um cenário vermelho em uma luz âmbar te dará um esplendoroso cenário laranja, que facilmente seria contornado com uma conversa simples sobre as necessidades do trabalho.

O espectador tem que sair da sala com a sensação de ter visto uma obra completa, de ter visto o todo. Só dessa forma ele pode absorver a obra e não um aspecto específico dela.

Vejo o cenário como uma personagem sempre dizendo ao público onde as coisas estão acontecendo, qual o sentimento de todos ali. Ele dialoga com o ator e algumas vezes é uma extensão de seu corpo.

E, por ver dessa forma, tenho que imaginar como esse diálogo deverá ocorrer, como o cenário interferirá na atuação, quais dificuldades

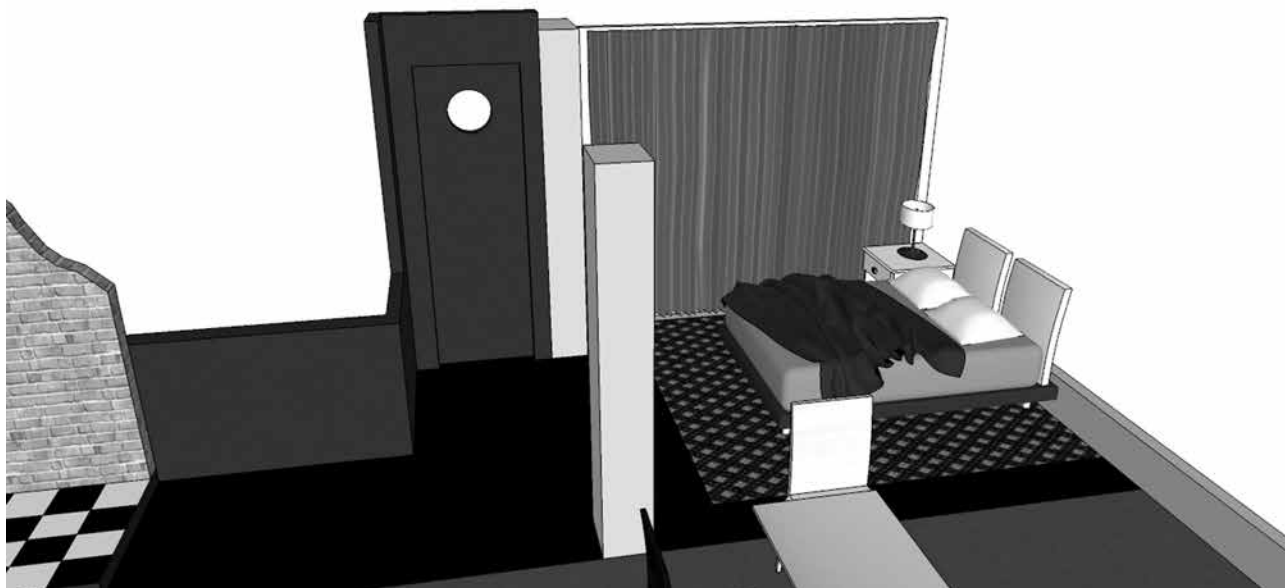
surgirão: peso, forma, tamanho. É nesse ponto que entra mais uma peça da cenografia, o cenotécnico, o responsável por transformar as ideias em realidade, o profissional capaz de dizer ao cenógrafo quais os melhores materiais para determinado resultado. Um bom cenógrafo sempre estará acompanhado de um bom cenotécnico, sem esse cuidado toda a concepção pode ruir pela fragilidade da confecção, escolha equivocada dos materiais, como o cenário será montado. Dentro de um teatro ideal, pensaremos em quantos técnicos precisaremos para a montagem ou, na realidade de muitos grupos hoje, se os próprios atores montarão o cenário. Tudo isso muda a maneira como a estrutura deverá ser confeccionada, tudo interfere, assim como os diferentes espaços. O cenário tem que ser capaz de se adaptar sem perder sua essência. Deve-se pensar nas infinitas possibilidades e ver a beleza da cenografia, um organismo vivo e pulsante.



Fábio Jerônimo em confecção de cenário para Hysterica Passio, texto de Angélica Liddell e direção de Reginaldo Nascimento.



Cenário de Fábio Jerônimo para peça do Curso Infantil do Teatro Escola Macunaíma.



Maquete em 3D feita por Fábio Jerônimo para o cenário de Parlour Song — Tudo Está Desaparecendo, texto de Jez Butterworth e direção de Einat Falbel



FÁBIO JERÔNIMO

Cenário de Algumas Vozes, texto de Joe Penall e direção de Mônica Granndo. Cenografia de Fábio Jerônimo

